

# O idiotismo 20/20

Harley E. A. Bicas

Pode parecer implicância contra uma forma que já estaria “consolidada pelos usos e costumes”, uma ranzinze. Chego até a admitir: posso ser rabugento, mas não “burrugento”. Afinal, o uso dessa expressão de valores de acuidade visual, embora amplo, mostra um desconhecimento constrangedor sobre suas origens, significados e finalidades.

Começemos do início, para dar justificativa à discussão, aparentemente banal e meramente curiosa. Ao contrário, vejo-a como representando uma luta de valores e de princípios, uma condição de importância simbólica mas, simultaneamente, prática e existencial. De fato, como oftalmologistas, profissionais da preservação e restauração da função visual, usamos como característica mais difundida para quantificá-la um de seus elementos, a capacidade discriminativa de formas, expressa em termos de acuidade visual. As medidas dessa função representam, portanto, a parte nuclear de nossa atuação profissional. Ou, em outras palavras, sendo a visão nossa teleologia (profissional), a acuidade visual é o meio com que nos situamos relativamente aos objetivos práticos da Oftalmologia e nos orientamos para atingi-los. Em síntese, nada mais comezinho do que a utilização de indicadores consistentes para nos comunicarmos sobre ela.

Existem duas formas para mostrar valores de acuidade visual; uma, a decimal, redução aritmética da outra, a fracionária. Obviamente, o valor decimal é o mais simples: 1,0 (tomado como **unidade** de visão normal) resulta de toda fração em que numerador e denominador sejam iguais:  $4/4$ , ou  $6/6$ , ou  $20/20$ , ou qualquer outro,  $y/y$ . Assim, também, o valor 0,8 equivale a  $4/5$ ; ou  $6/7,5$ ; ou  $20/25$ ; ou  $y/1,25y$ . Note-se que, nessas frações, variaram os denominadores relativamente às primeiras expressões “unitárias”. Igualmente equivalentes a 0,8 seriam as frações em que, respectivamente, houvessem variado os numeradores, como  $3,2/4$ ; ou  $4,8/6$ ; ou  $16/20$ ; ou  $0,8 y/y$ . Apenas por convenção é que se resolve fixar o **numerador** da fração, como representante da **distância em que o teste é feito**, dando-se o significado da expressão pelo valor do denominador, a distância em que o (menor) optotipo então discriminado deveria ser normalmente percebido.

Pela conceituação, a informação de acuidade visual por uma expressão fracionária torna-se, indiscutivelmente, mais rica. Pois, com ela, não apenas se conhece o “resultado” final da medida, mas também o “método” com que foi realizada (a distância ao teste, dada pelo numerador). Um a zero para a expressão fracionária. Mas isso subordina o usuário da fração a um cuidado maior ao referi-la. Não como o honesto (mas ingênuo) interlocutor que informou ter obtido a acuidade visual 20/40 a **quatro** metros...

Ora, justamente aí começa minha idiossincrasia. O que significa o “20” do numerador? A distância de 20 **pés**, uma unidade de medida alheia a nosso sistema de mensurações. (Aos menos avisados: 20 pés equivalem a, aproximadamente,

seis metros. Portanto é incongruente dizer que se obteve medida de **seis** metros — 20 pés — a quatro metros.) **Não usamos** o antigo sistema imperial britânico de medidas em polegadas, pés, jardas e milhas; nem o de onças e libras, mas o que as representa em centímetros, metros e quilômetros, gramas e quilogramas. Não se diz ir à “laundry” mas à lavanderia, e embora muitos façam “download” ao invés de simplesmente “baixar” (ou termo equivalente) há uma língua para respeitar. Pelo menos no Brasil. Um a um.

Mas, para o desempate, não discutamos o português contra o inglês. Vão argumentar (aliás com razão) que o inglês é a língua universal, principalmente em ciência, comércio e tecnologia, como o latim já o foi em tempos passados. (O que não obriga aos povos colonizados a falarem seus amores e sonhos, aspirações e desejos, frustrações e revoltas na língua do colonizador. O exercício dessa “liberdade” é, muitas vezes, o que resta da dignidade perdida, o que sobra de capitulações.) Mas que seja, convenção é convenção e, pois, pelo menos em ciência, usemos a internacional.

E aí, finalmente, o argumento que decide: ganha a expressão fracionária sobre a decimal, sim, por mais rica. Mas não em “pés”, certo sendo referi-la em **metros**, que essa é a **convenção internacional**, o padrão do “S.I.” (Sistema Internacional) para as medidas de comprimentos ou distâncias, em ciência e tecnologia, à qual mesmo os usuários do sistema imperial (britânico) estão sujeitos. Seguramente a contragosto, mas sujeitos. Assim, aliás, a quem gosta de copiar expressões e modas, mencione-se que o faça pelo menos bem: usuários de 20/20 ou 20/400 são os que, lá, desdenham ou desconhecem regras. Cientistas disciplinados, mesmo lá, usam expressões baseadas em unidades **métricas**:  $6/6$  ou  $6/120$  para significar, respectivamente, idênticos valores ( $6/6 = 20/20$  e  $6/120 = 20/400$ ), embora com mais propriedade e elegância.

Não há qualquer dificuldade para a transformação de valores apresentados com expressões do padrão imperial britânico para os do sistema internacional (o que, a meu ver, representa uma enorme negligência dos fabricantes dos instrumentos ou tabelas que os mostram; ou, pior, uma incontida, arrogante, manifestação de dominação e desrespeito, pois nem se dão ao trabalho de converter unidades de um sistema arcaico, mas por eles usado, nas que toda a comunidade mundial convencionou adotar): multiplique cada valor (do numerador e do denominador) por  $6/20$ ; ou, o que dá no mesmo, por 0,3. Ou, ainda, despreze um zero e multiplique por três.

E sobre o título, para algum leitor distraído, para que não lhe reste qualquer incômodo: “idiotismo: traço ou construção peculiar a uma determinada língua... idiomatismo... locução própria de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua... linguagem corrente ou vulgar”.